

Enfim, o que é que eu tenho?

Eu não acho que pirataria (mesmo que digital) seja algo bom em especial para quem usa da mesma com finalidades profissionais.

No entanto esta questão existe e é perene visto se firmar na persistência do absurdo preço que é cobrado por uma mídia (meio de veiculação da informação) digital e seu conteúdo.

Também não vejo nada de errado na defesa (por parte da lei) dos interesses mercantis do autor sobre a sua obra seja ela física ou intelectual.

Toda esta problemática só existe porque a ganância humana supera até mesmo o instinto de sobrevivência da espécie.

A raça humana é a única espécie de que tenho notícia, que por necessidade de lucro ou, uma discutível massagem no seu ego, ou ainda por um simples e mero orgulho, é capaz de se autodestruir como uma individualidade e até mesmo o conjunto em que está incluso.

O homem é uma criatura tão estúpida, bárbara e ignorante que é capaz de extinguir a sua própria espécie simplesmente para chegar ao mais absoluto nada, para chegar a coisa nenhuma ou ainda o pior, para chegar a lugar nenhum.

O problema do preço da obra em mídia digital está diretamente atrelado à qualidade da mesma.

Isto não quer dizer que quanto mais caro melhor é a mídia e seu conteúdo; via de regra é o contrário, quando assim não o é você, se não for um especialista, nem mesmo conhece o produto em causa.

Em matéria de arte já há muito não se vê por aí artistas com uma competência técnica e intelectual compatível com a fama que lhe antecede, alias esta é a forma diferenciadora entre o que presta realmente e o que nada, ou quase nada vale; a propaganda, mais especificamente a forma com que ela chega até você é que define a qualidade ou a real utilidade do objeto em referência.

Se a propaganda chegar antes do autor, da obra ou do serviço, pode ter certeza, você está diante de uma porcaria seja lá o que for.

A coisa quando é boa mesmo (ou má), faz a sua própria fama, é a sua qualidade e a sua facilidade de acesso e uso que é capaz de transformar uma obra, mesmo que de origens singelas, em um sucesso.

Tudo o que precisar de uma propaganda maciça ou direcionada para ser famoso ou vendável é falso, inútil, inapropriado e certamente prejudicial ao usuário, mas é ou será, muito lucrativo e bom para quem detém (em algum momento) os direitos advindos da venda.

Enfim é a incompetência criativa do autor em fazer a sua obra (raramente isto não é verdadeiro) ou do dono legal do bem em evidência na sua comercialização (e isto sim, é sempre verdadeiro) que gera a pirataria.

Mas é claro que neste insano mundo do consumismo irracional, compartilhado exaustivamente pela incompetência de autores e administradores, existem mares de sanidade e saudáveis propósitos com uma qualidade de causar inveja aos senhores em evidência na mídia propagandística se eles, é lógico, fossem capazes dentro da sua imensa insignificância criativa e administrativa, de compreender o que é a eficiência e que a arte é uma forma de sublimar (ao divinal) a comunicação humana entre si e com o universo de que faz parte.

Na informática os programas livres (software free (Freeware)) são estes mares.

Aparentemente mares nunca dantes navegados; a primeira fronteira do universo do conhecimento humano: conhecimento este que é de todos e não de um só, mesmo porque uma só e única criatura, pelo simples fato de ser uma criatura, logo uma parte integrante do universo, não tem condições lógicas de abarcar o todo, possuir assim todo o conhecimento do mesmo: o conhecimento total do conjunto de que é apenas e simplesmente, uma parte, um segmento.

Quando você copia digitalmente algo, você não tem nada mais que uma cópia (quase sempre não boa) de algo e este fato se dá em função da degradação eletromagnética e absolutamente natural por que passa o objeto da cópia cada vez em que é copiado.

Eu tenho uma copia de **La Gioconda**, esta é uma foto feita pelo próprio museu do **Louvre** a qual alguém pagou para ter e que a distribui sem autorização do referido museu ao mundo todo pela internet.

Agora eu posso perguntar: Enfim o que tenho eu, então?

Resposta:

- Nada.

Eu não tenho nada que realmente tenha algum valor, salvo o valor do conhecimento individual que é único e intransferível da visão da obra de **Da Vinci**.

Quem tem algo de valor e isto somente se a obra em causa for a verdadeira, é o **Musée du Louvre** (<http://www.louvre.fr/>); é ele e somente ele que detêm o valor intrínseco do bem, mas eu, eu não tenho nada além de um monte de alinhamentos magnéticos em um arranjo único sobre um objeto qualquer e de valor miserável em relação à obra original.

E por aí vai a realidade.

Se você tem uma cópia pirata de um programa para lidar com imagens como o Photoshop, por exemplo, você certamente estará perdendo em qualidade se tentar fazer um trabalho profissional com ele e sem dúvidas será um péssimo profissional; no entanto se você usar o **Gimp** poderá, como eu, corrigir os “olhos vermelhos” das suas fotos e muito do que o Photoshop faz também fazer, ainda mantendo o programa atualizado pois ele é gratuito.

Você quer programar jogos, figuras em 3D?

Use o [Blender](#).

Eu tenho certeza de que se você não for um profissional da área vai se espantar com a complexidade e o poder do mesmo, no entanto se quer fazer um trabalho profissional nesta área use um programa pago e o mantenha sempre atualizado, só desta forma você terá as texturas e a qualidade profissional que deseja e que se espera de um profissional.

Por fim, o que é que eu tenho quando copio algo da internet?

A respostas ainda é a mesma: Nada!

Nada a não ser um amontoado de bits completamente ininteligíveis para a espécie humana e totalmente inapreciáveis pelas máquinas, estas as únicas (salvo engenheiros altamente qualificados e uns poucos malucos autodidatas) que consegue ler esta escrita bizarra: a linguagem de máquina.

Só para que possam compreender a loucura que é tudo isso: este texto, texto que ora escrevo e na forma em que está não tem nenhum valor a não ser o do conhecimento individual e intransferível, nem mesmo eu, o autor do texto tenho algo além do já descrito, salvo se o imprimir e assinar e puder comprovar no tempo e no espaço que a cópia assinada é realmente de minha lavra e se por algum motivo a sociedade (o conjunto de indivíduos em que o texto está inserido) achar que este texto tem algum valor; em caso contrário, eu nada tenho que não seja o meu próprio, único e intransmissível conhecimento de algo que é uma parte única em uma individualidade dentro de um universo muito, muito maior do que pode lograr conceber a nossa parca imaginação.

São Paulo, 20 de fevereiro de 2012

Mkmouse